

### II.5.2.5. Mamíferos marinhos

O presente item foi elaborado visando caracterizar os mamíferos marinhos presentes na área de estudo. Para tal caracterização foram utilizadas diversas referências bibliográficas, o levantamento contido no MMA (2002), o guia de campo “Baleias, botos e golfinhos na Bacia de Campos” (SICILIANO *et al.*, 2006), a Série de Documentos REVIZEE-Score Sul e resultados de projetos de estudos e proteção aos cetáceos.

O Bloco BM-C-41 está situado na Bacia de Campos, a uma distância de aproximadamente 70 km da costa do Rio de Janeiro, em lâmina d’água de cerca de 130 m.

#### A. Considerações gerais

A Ordem Cetacea é a mais numerosa e diversificada entre os mamíferos aquáticos, sendo formada atualmente por duas subordens, Mysticeti (composta pelas baleias de barbatanas) e Odontoceti (composta por botos, golfinhos e baleias dentadas). Existem no mundo 86 espécies de cetáceos identificadas, sendo 14 mysticetos e 72 odontocetos (JEFFERSON *et al.*, 2008), com aproximadamente 43 conhecidas no litoral brasileiro (PARENTE & ARAÚJO, 2005).

A subordem dos Mysticetos é representada pelas grandes baleias que possuem dois orifícios respiratórios no topo da cabeça e um sistema dentário atrofiado (substituído por barbatanas). Estes animais possuem estrutura modificada na boca capaz de filtrar a água e então obter o alimento, baseado em krill, copépodos e pequenos peixes. Os Mysticetos costumam realizar longas migrações, percorrendo milhares de quilômetros entre as áreas de alimentação, situadas em mares mais próximos aos pólos (inverno) e as áreas de reprodução e cria da prole, localizadas em águas subtropicais ou tropicais (verão) (SICILIANO *et al.*, 2006).

A subordem dos Odontocetos é representada pelos cetáceos que possuem dentes. Estes possuem uma única dentição e um único orifício respiratório no topo da cabeça e podem ser encontradas espécies tanto em mares como em rios. A alimentação deste grupo consiste basicamente de peixes, lulas e crustáceos. Possuem um pequeno órgão localizado na frente da cabeça com função de ecolocalização, que auxilia no recebimento de informações como a distância da presa, tamanho e reconhecimento do ambiente (SICILIANO *et al.*, 2006).

Os Odontocetos não fazem migrações extensas e regulares, como a grande maioria dos Mysticetos, mas sua movimentação pode variar sazonalmente, em função tanto da temperatura da água, quanto da disponibilidade de alimento. Geralmente esses deslocamentos limitam-se à aproximação e afastamento da linha da costa. As populações de pequenos Odontocetos, como os golfinhos, botos e toninhas, costumam restringir-se a uma região específica (SICILIANO *et al.*, 2006).

Os cetáceos encontram na área de estudo um habitat rico em zooplâncton, alimento principal dos Mysticetos. Além desse recurso, também são encontrados em abundância peixes e lulas, base alimentar dos Odontocetos.

Existem atualmente no Brasil duas portarias e uma lei que visam proteger as espécies de cetáceos que ocorrem em águas brasileiras. São elas:

- Portaria N-011 (21/02/1986), que proíbe, nas águas sob jurisdição nacional, a perseguição, caça, pesca ou captura de pequenos Cetáceos, Pinípedes e Sirênios;

- Lei 7.643 (18/12/1987), que proíbe a pesca, ou qualquer forma de molestamento intencional, de toda espécie de cetáceo nas águas brasileiras;
- Portaria IBAMA 117 (26/12/1996), institui regras relativas à prevenção do molestamento de cetáceos (baleias) encontrados em águas jurisdicionais brasileiras, de acordo com a Lei nº 7.643.

O conhecimento científico sobre a distribuição, abundância e biologia de diversos cetáceos ainda é incompleto no litoral brasileiro (ZERBINI *et al.*, 2004) e ainda são poucas as informações que permitem avaliar seu *status*, fazendo com que quase todas as espécies sejam classificadas como “dados insuficientes” (DD) ou até mesmo nem apareçam nas listas nacionais e internacionais de espécies ameaçadas (MMA/IBAMA, 2001; MMA, 2008; IUCN, 2009).

## B. Cetáceos encontrados na região de estudo

A presença dos cetáceos na região de estudo está associada a várias áreas, como áreas de residência (onde são realizadas as atividades do ciclo de vida) e áreas de ocupação sazonal (em função da disponibilidade de alimento e rotas migratórias). As espécies conhecidas para a região sudeste do Brasil estão listadas na Tabela II.5.2.5.1.

**TABELA II.5.2.5.1 – Cetáceos com ocorrência provável e confirmada na região sudeste.**

Subordem	Nome Científico	Nome Comum	Área de Ocorrência	Sazonalidade / Ocorrência	Status de Conservação	
					IUCN (2011)	MMA (2008)
Odontoceti	<b>Família Pontoporiidae</b>					
	<i>Pontoporia blainvillei</i>	toninha (RS/SC), boto-amarelo (RJ), boto-cachimbo (ES)	águas costeiras entre Itaúnas, ES (19°S) e Rio Grande do Sul	Ano inteiro/OC	VU	EP
	<b>Família Delphinidae</b>					
	<i>Sotalia guianensis</i>	boto, boto-cinza	águas costeiras entre Honduras (Amer. Central) e Florianópolis (SC)	Ano inteiro/OC	DD	-
	<i>Steno bredanensis</i>	golfinho-de-dentes-rugosos	águas tropicais, hábitos costeiros	Ano inteiro/OC	LC	-
	<i>Tursiops truncatus</i>	golfinho-flíper, golfinho-nariz-de-garrafa	águas oceânicas e costeiras	Ano inteiro/OC	LC	-
	<i>Stenella frontalis</i>	golfinho -pintado-do-Atlântico	águas costeiras e ocasionalmente oceânicas	Ano inteiro/OC	DD	-
	<i>Stenella attenuata</i>	golfinho-pintado-pantropical	águas oceânicas	Ano inteiro/OC	LC	-
	<i>Stenella longirostris</i>	golfinho-rotador	águas oceânicas	Ano inteiro/OC	DD	-
	<i>Stenella clymene</i>	golfinho-de-clymene	águas oceânicas	Ano inteiro/OP	DD	-
<i>Stenella coeruleoalba</i>	golfinho-listrado	águas oceânicas	Ano inteiro/OC	LC	-	

Subordem	Nome Científico	Nome Comum	Área de Ocorrência	Sazonalidade / Ocorrência	Status de Conservação		
					IUCN (2011)	MMA (2008)	
	<i>Delphinus delphis</i>	golfinho-comum-de-bico-curto	águas oceânicas	Ano inteiro/OC	LC	-	
	<i>Delphinus capensis</i>	golfinho-comum-de-bico-longo	águas costeiras	Ano inteiro/OC	DD	-	
	<i>Lagenodelphis hosei</i>	Golfinho-de-Fraser	águas oceânicas	Ano inteiro/OC	LC	-	
	<i>Peponocephala electra</i>	golfinho-cabeça-de-melão	águas oceânicas tropicais	Ano inteiro/OP	LC	-	
	<i>Feresa attenuata</i>	orca-pigméia	águas oceânicas	Ano inteiro/OP	DD	-	
	<i>Pseudorca crassidens</i>	falsa-orca	águas oceânicas	Ano inteiro/OC	DD	-	
	<i>Orcinus orca</i>	orca	águas costeiras e oceânicas	Ano inteiro, com concentração no verão (Dezembro a Fevereiro)/OC	DD	-	
	<i>Globicephala macrorhynchus</i>	baleia-piloto-de-peitorais-curtas	águas oceânicas tropicais	Ano inteiro/OC	DD	-	
	<i>Grampus griseus</i>	golfinho-de-Risso	águas oceânicas	Ano inteiro/OC	LC	-	
	<b>Família Physeteridae</b>						
	<i>Physeter macrocephalus</i>	cachalote	águas oceânicas	Provavelmente durante o ano inteiro, mas não está bem estabelecido/OC	VU	VU	
	<b>Família Kogiidae</b>						
	<i>Kogia breviceps</i>	cachalote-pigmeu	águas oceânicas tropicais	Dados insuficientes/OC	DD	-	
	<i>Kogia sima</i>	cachalote-anão	águas oceânicas tropicais	Dados insuficientes/OP	DD	-	
<b>Família Ziphiidae</b>							
<i>Berardius arnuxii</i>	baleia-bicuda-de-Arnoux	águas oceânicas	Dados insuficientes/OP	DD	-		
<i>Mesoplodon europaeus</i>	baleias-bicuda-de-Gervais	águas oceânicas tropicais	Dados insuficientes/OP	DD	-		
<i>Mesoplodon mirus</i>	baleias-bicuda-de-True	águas oceânicas	Dados insuficientes/OP	DD	-		
Misticeti	<b>Família Balaenidae</b>						
	<i>Eubalaena australis</i>	baleia-franca-austral	águas costeiras durante o período reprodutivo	Junho a Outubro, principalmente em agosto/OC	LC	EP	
	<b>Família Balaenopteridae</b>						
	<i>Balaenoptera musculus</i>	baleia-azul	águas oceânicas	Sazonal/OC	EN	CR	
	<i>Balaenoptera physalus</i>	baleia-fin	águas oceânicas	Período migratório entre Jun. e Out. se deslocando de altas latitudes e	EN	EP	

Subordem	Nome Científico	Nome Comum	Área de Ocorrência	Sazonalidade / Ocorrência	Status de Conservação	
					IUCN (2011)	MMA (2008)
				passando o inverno em baixas latitudes/OC		
	<i>Balaenoptera borealis</i>	baleia-sei	águas oceânicas	Sazonal/OC	EN	VU
	<i>Balaenoptera edeni</i>	baleia-de-Bryde	águas costeiras e oceânicas	Ano inteiro/OC	DD	-
	<i>Balaenoptera bonaerensis</i>	baleia-minke-antártica	águas oceânicas	Julho a setembro/OC	DD	-
	<i>Balaenoptera acutorostrata</i>	baleia-minke-anã	águas costeiras	Observada durante 11 meses do ano, exceto em março, com picos de ocorrência entre junho e setembro/OC	LC	-
	<i>Megaptera novaeangliae</i>	baleia-jubarte	águas costeiras e oceânicas	Junho a novembro/OC	LC	VU

Fonte: SALVATORE *et al.* (2006)

Categorias segundo IUCN (2011):

EN (Em perigo) - “*Endangered*” - Risco muito alto de extinção na natureza em futuro próximo.

VU (Vulnerável) – “*Vulnerable*” - Alto risco de extinção na natureza em médio prazo.

LC (Pouco preocupante) - “*Least Concern*” - Quando a espécie, tendo sido avaliada, não se enquadra nas categorias acima.

DD (Dados Insuficientes) – “*Data Deficient*” – Quando não existem dados suficientes para se definir uma característica de risco de extinção para a espécie.

Categorias segundo MMA (2008):

CR – Criticamente em perigo - Risco extremamente alto de extinção na natureza.

EP - Em Perigo –Risco muito alto de extinção na natureza.

VL - Vulnerável - Risco alto de extinção na natureza.

Ocorrência:

OC – Ocorrência Confirmada

OP – Ocorrência Possível

Na região de estudo ocorrem 32 espécies de cetáceos, o que representa 75% do total das espécies destes mamíferos registrados em águas brasileiras. Os primeiros registros de cetáceos na Bacia de Campos estão presentes na lista de capturas da estação baleeira de uma indústria japonesa que operou no município de Arraial do Cabo entre 1960 e 1963. Atualmente, Arraial do Cabo é ponto de monitoramento com avistagens regulares de cetáceos em rota migratória (iniciado em 1987). São também coletados dados de encalhes ocasionais e interferências em operações de pesca.

Arraial do Cabo é um dos pontos mais projetados em direção ao mar no sudeste do Brasil. Uma das características mais importantes dessa região é a alta produtividade primária de suas águas, proveniente do fenômeno de ressurgência. Geralmente são também observados cetáceos com filhotes na encosta da Ilha de Cabo Frio e em Armação dos Búzios, ou mediante encalhes de exemplares vivos e mortos.

FERNANDES (2001) realizou um estudo, entre junho e novembro de 2000, com a finalidade de registrar a ocorrência e monitorar os cetáceos da região de Arraial do Cabo (RJ), através de avistagens a partir de um ponto fixo e monitoramento de praias. De acordo com os resultados desse estudo, foi registrada a presença de baleia jubarte (*Megaptera novaeangliae*), baleia-de-Bryde (*Balaenoptera edeni*), baleia-franca-do-sul (*Eubalaena australis*), baleia-minke-Antártica (*Balaenoptera bonaerensis*), golfinho-comum-de-bico-longo (*Delphinus capensis*), golfinho-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*), golfinho-pintado-do-Atlântico (*Stenella frontalis*) e orca (*Orcinus orca*).

Segundo FERNANDES (2001), fica evidenciado que a região de Arraial do Cabo é área de passagem da baleia jubarte durante sua migração, apresentando dois picos de passagem em direção ao norte (fazendo da região de estudo uma área de migração), e área potencial de alimentação para os mysticetos, devido à alta produtividade da região. Os golfinhos têm a região como área de forrageamento e, possivelmente, para criação dos filhotes.

Com relação à Baía de Guanabara, podem ser observados exemplares da espécie *Sotalia guianensis*. A baía proporciona abrigo para o descanso dessa espécie, além disso, fornece alimento. De acordo com o trabalho realizado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com o apoio da Cetacean Society International (CSI), desde o ano de 1995, foram identificados 57 exemplares de boto-cinza (*S. guianensis*). Dos 57 botos identificados, 78% (44 indivíduos do total identificado) foram reavistados, o que pode indicar que a população possui tamanho reduzido (REVISTA CIÊNCIA HOJE, 1999). Esta conclusão é corroborada pelo trabalho de PIZZORNO *et al.* (1999), também relacionado à estimativa populacional de *Sotalia guianensis* na Baía de Guanabara. Em janeiro de 1983, um macho juvenil de baleia-de-Bryde (*Balaenoptera edeni*) foi encontrado praticamente morto na Baía de Guanabara.

Observações de baleias-de-Bryde (*Balaenoptera edeni*) em águas costeiras do sudeste do Brasil indicam sua presença em ambientes de alta produtividade biológica. Segundo SICILIANO & SANTOS (1994), foram comercialmente capturados exemplares entre 1960 e 1963 na zona de ressurgência em Cabo Frio (RJ) e registrados encalhes na costa do litoral do Rio de Janeiro e São Paulo.

É verificada a existência de áreas de residência para o boto-cinza (*Sotalia guianensis*) e para a toninha (*Pontoporia blainvillei*) na região da Bacia de Campos. Estas espécies têm hábitos costeiros e realizam nestas áreas todas as suas atividades alimentares e reprodutivas. São frequentemente capturadas por barcos pesqueiros que atuam na região.

Uma distribuição mais ampla é observada para o golfinho-pintado-do-Atlântico (*Stenella frontalis*), o golfinho-de-dentes-rugosos (*Steno bredanensis*) e o golfinho-comum-de-bico-longo (*Delphinus capensis*). Essas espécies foram avistadas em áreas mais afastadas da linha da costa, na Bacia de Campos, entre a localidade de Atafona, no município de São João da Barra (21°35'S), e o município de Macaé (22°25'S). Entretanto, no município de Arraial do Cabo (23°S), essas mesmas espécies foram avistadas em águas costeiras, o que pode ser explicado pela existência de águas profundas mais perto da costa.

No que se refere à baleia-minke (*Balaenoptera* sp.), segundo ZERBINI *et al.* (1994), são reconhecidas duas formas dessa espécie para o Hemisfério sul, sendo uma destas denominada por anã. Foram obtidas informações da baleia-minke-anã (*Balaenoptera acutorostrata*), através de encalhes, capturas acidentais e avistagens desde a Bahia até o Rio Grande do Sul.

Durante o cruzeiro de prospecção de recursos pelágicos de inverno do Programa REVIZEE (Score Sul) em 1996, entre o Cabo de São Tomé (RJ) e o Chuí (RS) foram realizadas observações de cetáceos dentro da zona econômica exclusiva brasileira (ZERBINI *et al.*, 1996). Foram observadas nove espécies de cetáceos, dentre elas, baleia-jubarte, baleia-minke, cachalote, baleia-piloto (*Globicephala macrorhynchus*), golfinho-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*), golfinho-rotador, golfinho-comum, golfinho-pintado-do-atlântico e possivelmente golfinho-de-Clymene (*Stenella clymene*).

### C. Descrição das principais espécies de cetáceos

São caracterizadas abaixo as principais espécies que apresentaram registro de ocorrência na área de estudo. Vale a pena ressaltar que outras espécies com registros mais abrangentes para a costa brasileira, podem utilizar a área de estudo para diversos fins (alimentação, reprodução, etc) e principalmente como rota migratória.

#### ➤ Odontocetos

##### *Sotalia guianensis* (boto-cinza)

São animais de hábitos costeiros, geralmente associados à desembocadura de rios, com distribuição ao longo da costa atlântica da América Central e do Sul, de Caracas (talvez até Honduras), na América Central, até Florianópolis, Santa Catarina, no sul do Brasil (JEFFERSON, *et al.*, 2008). São constantemente capturados em redes de pesca, sendo que na área de estudo é a segunda espécie que mais se envolve em capturas acidentais, depois da toninha (*Pontoporia blainvillei*). Possui amplas áreas de concentração no ambiente marinho, sendo observado na costa norte do Rio de Janeiro desde São João, associados à desembocadura do rio São João, até o limite norte da região da Bacia de Campos. Destacam-se áreas como Macaé, Carapebus, Quissamã e Atafona (desembocadura do rio Paraíba do Sul) (SALVATORE *et al.*, 2006).



**FIGURA II.5.2.5.1 – *Sotalia guianensis* (boto-cinza).**

Foto: Jan Willem Broekema.

### *Pontoporia blainvillei* (toninha ou franciscana)

Apresenta distribuição restrita às águas costeiras entre o Espírito Santo e a Região do Prata, na Argentina. Evidências indicam que sua distribuição não é contínua ao longo da costa do Oceano Atlântico Sul Ocidental, havendo um hiato situado entre as localidades de Macaé (RJ) e Ubatuba (SP) e outro ao norte de Atafona (RJ) até o Rio Doce (ES). Normalmente não chegam além da isóbata de 30m, com alguns registros em águas de até 50m e a 55 km da costa, mas com uma densidade de animais muito pequena (JEFFERSON *et al.*, 2008). É um dos menores cetáceos, sendo que indivíduos adultos podem chegar a no máximo 1,75 m de comprimento. Geralmente habita águas mais escuras. Não há evidências de realização de migrações e pouco se conhece sobre a extensão de seus movimentos diários.

É o pequeno cetáceo mais ameaçado no Atlântico Sul Ocidental, devido aos altos níveis de mortalidade acidental em redes de emalhe. Encontra-se em diversas listas de animais ameaçados de extinção, na IUCN (2011) está na categoria “Vulnerável” e no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (MMA, 2008) é considerada “Em Perigo”.

### *Tursiops truncatus* (golfinho-nariz-de-garrafa)

Pode chegar a 4 m de comprimento e pesar 450 kg. Ocorre em todos os mares tropicais e temperados, em águas próximas à costa e em águas profundas, inclusive com grupos residentes em ilhas oceânicas. No Atlântico Sul se distribui desde o Amapá, no Brasil, até a Província de Chubut, na Argentina. Avistagens na Bacia de Campos são comuns, havendo diversos registros de avistagens a partir dos costões de Búzios e Arraial do Cabo. A espécie está listada na categoria “Pouco Preocupante” de acordo com a IUCN (2011).

### *Stenella frontalis* (golfinho-pintado-do-Atlântico)

No Brasil, esta espécie ocorre principalmente sobre a plataforma continental e dificilmente habita águas profundas além do talude. É a espécie de odontoceto mais observada na plataforma continental das regiões sul e sudeste. Na costa brasileira pode estar dividida em duas populações, uma vez que não ocorre entre o norte do Espírito Santo e o sul da Paraíba, voltando a ocorrer da Paraíba ao Ceará.

A região norte da Bacia de Campos parece ser o limite norte da distribuição da espécie da população sul (SALVATORE *et al.*, 2006). São mais facilmente encontradas nas proximidades das ilhas próximas à costa, como em Ilha Grande (RJ). Têm hábito nitidamente gregário. Na classificação da IUCN (2011) é considerada como “Dados Insuficientes”.

### *Steno bredanensis* (golfinho-de-dentes-rugosos)

Essa espécie ocorre em regiões tropicais e temperadas de todos os oceanos, porém parece ter preferência por águas mais quentes (acima de 25°C). No Brasil, sua distribuição abrange uma grande faixa do litoral, desde o Rio Grande do Sul até o Ceará. Há diversos registros de avistagens e carcaças coletadas em praias entre Arraial do Cabo e Quissamã, na costa do Rio de Janeiro. A captura acidental desta espécie em redes de pesca parece ser relativamente comum no Brasil. É considerada como “Dados Insuficientes” pela IUCN (2011).

### *Orcinus orca* (orca)

É o cetáceo com a mais ampla distribuição nos oceanos, podendo ocorrer em águas oceânicas ou costeiras, porém tem preferência por águas temperadas e frias. Na costa brasileira são comumente observadas em águas costeiras desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro e mais raramente em águas oceânicas do nordeste. Na Bacia de Campos são avistadas com alguma frequência, inclusive próximo a costa. Há registro de avistagens na região de Arraial do Cabo e Búzios. A dieta das orcas (Figura II.5.2.5.2) é uma das mais variadas entre os mamíferos marinhos, podendo se alimentar de lulas e pequenos peixes a grandes cetáceos, como a baleia azul (SALVATORE *et al.*, 2006). Segundo IUCN (2011) as informações existentes sobre as populações não permitem estabelecer um *status*, com a espécie aparecendo como “Dados Insuficientes” na lista vermelha de espécies ameaçadas.



Fonte: <http://marinebio.org>

**FIGURA II.5.2.5.2 – *Orcinus orca* (Orca).**

### *Pseudorca crassidens* (falsa-orca)

A falsa-orca ocorre em todos os oceanos, de preferência em águas temperadas e tropicais de zonas oceânicas, embora em águas frias possa ser encontrada próximo à costa. É um dos cetáceos com maiores registros de encalhe em massa, com grupos de até 835 indivíduos. No Atlântico Sul, a espécie pode ser encontrada desde a Terra do Fogo, Argentina até a linha do Equador. No Brasil há registros confirmados para a Paraíba, o Espírito Santo e a costa sul. Na Bacia de Campos foi registrado um encalhe em Búzios e um neonato capturado acidentalmente em rede de pesca próxima a Atafona (RJ) (SALVATORE *et al.*, 2006).

### *Physeter macrocephalus* (cachalote)

É o maior odontoceto, podendo alcançar 18 m (machos) e pesar 57 toneladas. Ocorre em todos os oceanos desde os trópicos até regiões polares, especialmente em águas profundas. No Brasil, sua distribuição abrange uma grande faixa de nosso litoral, desde o Rio Grande do Sul até a região nordeste, onde são comuns os encalhes. Podem ser encontrados sozinhos (geralmente machos adultos) ou em grupos. Os cachalotes costumam se aproximar dos pólos durante o verão para se alimentar, e retornam às áreas temperadas e tropicais durante o inverno para se reproduzir.

Alimentam-se de lulas, polvos, peixes (inclusive raias e tubarões) e crustáceos, abundantes na Bacia de Campos e especialmente na região de Cabo Frio. As capturas acidentais em redes de espera e de deriva oceânicas (*drift-nets*) constituem uma das mais sérias ameaças para esta espécie. Essa espécie é considerada “Vulnerável” (MMA, 2008; IUCN, 2011).

### ➤ **Misticetos**

#### *Megaptera novaeangliae* (baleia-jubarte)

Esta espécie pode atingir 16 m e pesar 35 toneladas (Figura II.5.2.5.3). Ocorre em todos os oceanos e em ambos os hemisférios. Realiza grandes movimentos migratórios entre as áreas de alimentação polares ou sub-polares e áreas tropicais de reprodução e cria dos filhotes. A população que se desloca entre as Ilhas Geórgia do Sul/Sandwich do Sul e a costa nordeste do Brasil vem sendo bem estudada recentemente. Sua área normal de ocorrência na costa brasileira se estende da região sudeste à Plataforma Continental Nordeste, sendo que o Banco dos Abrolhos representa o principal sítio reprodutivo da espécie no Oceano Atlântico Sul Ocidental. Durante a migração em direção ao Nordeste, a maior parte dos indivíduos se aproxima da costa a partir do litoral do Rio de Janeiro.

Na Bacia de Campos é comprovada a existência de um corredor migratório, onde podem ser observados grupos se deslocando de junho a setembro. Grupos já foram observados sobre o talude continental das Bacias de Campos e de Santos, confirmando a ocorrência da espécie em áreas de até 3000 m de profundidade. Colisões, principalmente de filhotes, com embarcações já foram registradas no Rio de Janeiro e em Cabo Frio. Casos de capturas acidentais em redes e baleias com pedaços de redes presos nos seus corpos, indicando possíveis enredamentos ou encontros com redes à deriva, foram constatados no Rio de Janeiro (SALVATORE *et al.*, 2006). Encontra-se no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (MMA, 2008) e na Lista Vermelha da IUCN (2011) na categoria “pouco preocupante”.



**FIGURA II.5.2.5.3 – *Megaptera novaeangliae* (baleia-jubarte).**

### *Eubalaena australis* (baleia-franca-austral)

Habitam águas costeiras e oceânicas do hemisfério sul. Realizam movimentos migratórios das águas antárticas e sub-antárticas até as áreas de reprodução e cria dos filhotes, situadas em regiões tropicais e subtropicais. No Brasil pode ser observada especialmente a poucos metros da costa durante os meses de inverno e primavera. A preferência destas baleias são as águas costeiras de Santa Catarina. Pode pesar 100 toneladas e alcançar 17m de comprimento.

Alimentam-se, principalmente, nos meses de verão no interior da Convergência Antártica. Algumas baleias identificadas na Península Valdés, Argentina, já foram re-avistadas no sul do Brasil. Este fato confirma as suspeitas dos técnicos do “Projeto Baleia Franca” de que as francas do Brasil seguem um padrão prioritário de reaparecimento em nossa costa a cada três anos (SALVATORE *et al.*, 2006). Esta espécie também se encontra no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (MMA, 2008) na categoria “Em Perigo”.

### *Balaenoptera acutorostrata* (baleia-minke-anã)

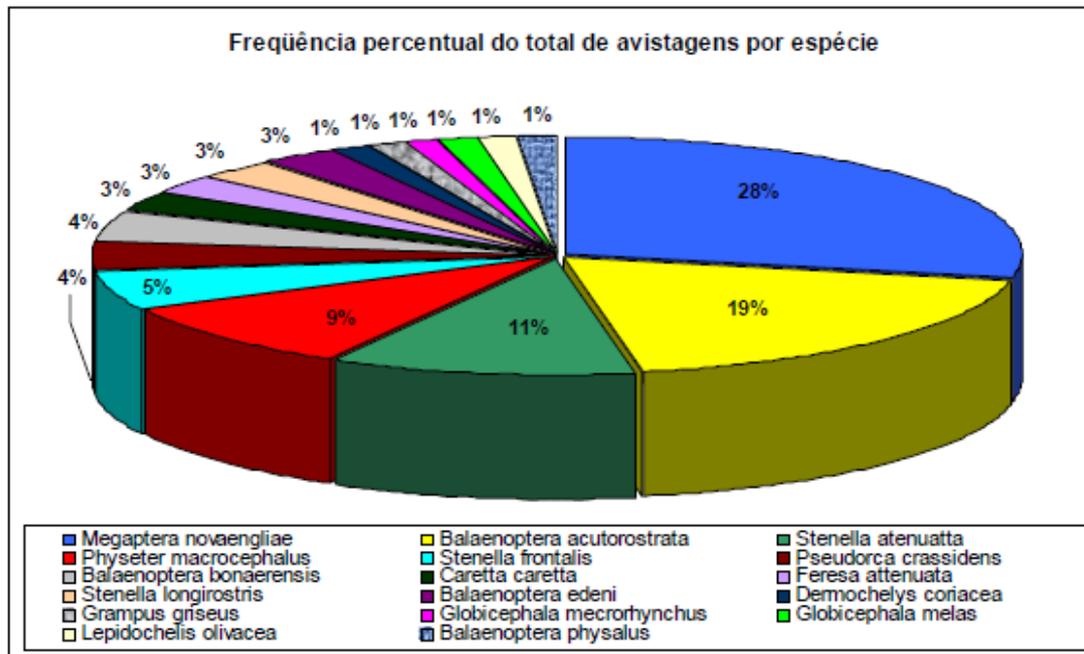
É o menor misticeto que frequenta águas brasileiras, podendo atingir 7,8 m quando adultas. Com distribuição restrita ao hemisfério sul, aparentemente migratória, ocorre em águas tropicais e sub-tropicais durante o inverno e a primavera. Na costa brasileira é o balenopterídeo com maior número de encalhes registrados desde o litoral do Rio Grande do Sul até a costa da Paraíba. Há ainda muitas dúvidas sobre os padrões de distribuição e ocorrência na costa leste da América do Sul, com um provável sítio reprodutivo na costa nordeste do Brasil. Porém a maior porcentagem de animais encalhados é encontrada nas regiões sul e sudeste. Em Arraial do Cabo (RJ) foi observado comportamento de alimentação durante o verão, o que pode significar que parte da população não se desloca até os sítios de alimentação sub-antártico, permanecendo na costa brasileira durante todo o ano. Grupos já foram avistados próximos a plataformas de petróleo na Bacia de Campos e de Santos. Devido a seus hábitos essencialmente costeiros, a espécie pode interagir com artes de pesca (SALVATORE *et al.*, 2006).

### *Balaenoptera edeni* (baleia-de-bryde)

Apresenta-se distribuída em águas tropicais e subtropicais de todo o mundo, tanto em águas costeiras ou oceânicas. No Brasil há registro de encalhes desde o estado do Maranhão até o Rio Grande do Sul. A maior parte das avistagens se concentra na região sudeste do Brasil, onde a espécie é frequentemente observada em áreas próximas a costa ou associada a ilhas costeiras.

Na Bacia de Campos a espécie é comumente avistada a partir da costa em Arraial do Cabo e Búzios e em áreas mais afastadas da costa como no Arquipélago de Santana/Macaé e sobre a Plataforma Continental do Cabo Frio, até a linha isobatimétrica de 200 m. A espécie não realiza grandes migrações, podendo permanecer em uma mesma área durante todo o ano, apenas realizando deslocamentos no sentido costa-mar e vice-versa. O comprimento desta espécie pode variar entre 13,7 e 15,5m. Possui hábitos solitários, mas pode se deslocar formando grupos de até 20 indivíduos. Alimenta-se de peixes e ocasionalmente de pequenos crustáceos. A baleia-de-bryde foi extensivamente caçada em todo o mundo. No Brasil ocorreram caças para fins comerciais na região de Cabo Frio, Rio de Janeiro e costa nordeste. Pelo fato de ser a espécie de balenopterídeo menos conhecida é classificada como “Dados Insuficientes” pela IUCN (2011).





Fonte: FUGRO, 2008.

**FIGURA II.5.2.5.5 – Número de avistagens identificadas por espécies.**

Observa-se que as espécies mais representativas dos Mysticetos foram a *Megaptera novaengliae* (baleia jubarte) correspondendo a 28% das avistagens por espécie, seguida pela *Balaenoptera acutorostrata* (baleia minke) correspondendo a 19%. Entre as espécies mais representativas dos Odontocetos estão a *Stenella attenuata* (golfinho pintado pantropical) e a *Physeter macrocephalus* (cachalote).

### E. Considerações finais

Na área de estudo há ocorrência de 32 espécies de cetáceos tanto na região costeira como oceânica. Dentre as espécies costeiras destaca-se a toninha (*Pontoporia blainvillei*) e o boto-cinza (*Sotalia guianensis*), ambos ameaçados por altos índices de emalhe em redes de pesca. Espécies migratórias também ocorrem na região como a baleia franca (*Eubalaena australis*) e a jubarte (*Megaptera novaeangliae*), havendo um corredor migratório na Bacia de Campos para esta última.

Vale mencionar que os dados obtidos pela campanha de pesquisa sísmica realizada na área de estudo confirmaram a ocorrência significativa de baleias jubarte, além da presença marcante da baleia minke, e de grupos de odontocetos, como o golfinho pintado pan tropical (*Stenella attenuata*), o golfinho pintado do atlântico (*Stenella frontalis*) e a cachalote (*Physeter macrocephalus*).

Dentre os cetáceos mais ameaçados em águas brasileiras estão a baleia jubarte, a baleia-sei e a cachalote na categoria “Vulnerável”, a baleia-azul na categoria “Criticamente em Perigo” e as baleias franca-austral e fin como “Em Perigo” de acordo com o MMA (2008). Os principais impactos sofridos atualmente pelos cetáceos são as capturas acidentais em rede de pesca, derivas oceânicas, intenso tráfego de barcos e a degradação do ambiente.

É importante mencionar os projetos de proteção aos cetáceos. O Projeto Cetáceos objetiva minimizar a captura acidental dos golfinhos e botos em redes de pesca, através da educação ambiental junto às comunidades locais do litoral do Rio de Janeiro. Este projeto foi criado em 1989 e através dele são levantados números de espécies de cetáceos capturados acidentalmente em redes de pesca na região de Atafona (RJ). Além disso, são desenvolvidos estudos dos aspectos biológicos e atividades de educação ambiental junto às comunidades locais, visando à redução desta captura acidental.

O Projeto Baleia de Bryde foi criado com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a baleia-de-Bryde através do estudo da ocorrência, distribuição e comportamento da espécie em área costeira e oceânica do sudeste do Brasil. O Projeto também visa contribuir para promover o interesse da sociedade com relação à conservação do ecossistema marinho e à utilização de Unidades de Conservação Marinhas como as principais ferramentas para a proteção das espécies.

O Instituto Baleia Jubarte, criado em 1996, tem como objetivo principal a conservação da baleia jubarte e outros cetáceos do Brasil. O Instituto avalia a população de jubartes que frequenta o Banco de Abrolhos, além de monitorar e fiscalizar o turismo da região. Também são realizados registros e resgates de cetáceos encalhados/emalhados na faixa litorânea compreendida entre o norte do Espírito Santo e o Extremo Sul Baiano, auxiliando nesta mesma atividade, quando necessário, ao longo de toda a costa brasileira.

De acordo com o relatório técnico do Ministério do Meio Ambiente (MMA) sobre “Avaliação e Ações Prioritárias Para a Conservação da Biodiversidade das Zonas Costeira e Marinha” foram definidas áreas prioritárias para a conservação de diversos organismos no Brasil, incluindo os mamíferos marinhos (MMA, 2002). Para a região de estudo é encontrada a seguinte área prioritária: Baía de Guanabara, RJ – existência de uma população de *Sotalia guianensis* com alto grau de residência, em declínio; e Costa Norte do Rio de Janeiro – zona oceânica que se estende até a isóbata de 1.800m (RJ), que apresenta 2/3 das espécies de cetáceos registrados para a costa brasileira, além de altos níveis de captura acidental de *Pontoporia blainvillei* durante atividades pesqueiras.

